

ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS E FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS PARA PESQUISAS EM/DOS/SOBRE CONTEXTOS DIGITAIS

METHODOLOGICAL ITINERARIES AND THEORETICAL FOUNDATIONS FOR RESEARCH IN/OF/ABOUT DIGITAL CONTEXTS

ITINERARIOS METODOLÓGICOS Y FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA LA INVESTIGACIÓN EN/DE/SOBRE CONTEXTOS DIGITALES

Bruno Henrique Benichio Alves Barbosa¹

Resumo: Este artigo apresenta algumas abordagens metodológicas e teóricas para pesquisas realizadas em contextos digitais. Essas orientações se fundamentam em uma literatura especializada sobre etnografias em contextos digitais que tive contato ao longo da realização de uma pesquisa de iniciação científica. Mediante a apresentação de uma revisão bibliográfica estruturada nas considerações de um conjunto numeroso de pesquisadores, o artigo possui como finalidade indicar itinerários metodológicos e fundamentações teóricas para explorações digitalmente mediadas. Nesse sentido, assinalo que as recomendações expostas durante este texto não devem ser encaradas como um manual compacto para pesquisas em/dos/sobre contextos digitais, concernindo a cada pesquisador considerar as indicações que adequadamente se aplicam aos seus contextos singulares de investigação científica.

Palavras-chave: etnografia digital; mídias digitais; sociologia digital; antropologia digital; metodologia de pesquisa.

Abstract: This article presents some methodological and theoretical approaches for research carried out in digital contexts. These orientations are based on a specialized literature on ethnographies in digital contexts that I had contact with during a scientific initiation research. By presenting a literature review based on the considerations of a large number of exponents, the article aims to indicate methodological itineraries and theoretical foundations for digitally mediated explorations. In this sense, the recommendations presented in this text should not be seen as a compact manual for research in/of/about digital contexts, and it is up to each researcher to consider the indications that appropriately apply to their unique contexts of scientific inquiry.

Keywords: digital ethnography; digital media; digital sociology; digital anthropology; research methodology.

Resumen: Este artículo presenta algunos enfoques metodológicos y teóricos para la investigación realizada en contextos digitales. Estas directrices se basan en una literatura

¹ Graduando em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) com a pesquisa “Entre o prazer e a dor: Uma Etnografia em contextos digitais de Dominação Feminina” (Processo 2020/02924-9) orientada pelo Prof. Dr. Jorge Leite Júnior. Pesquisador associado ao SEXENT - Grupo de Pesquisa em Sexualidade e Entretenimento (UFSCar). Trabalha majoritariamente com os seguintes temas: gênero, sexualidade e estudos em contextos digitais. Contato: brunohbab@estudante.ufscar.br.

especializada en etnografías en contextos digitales con la que tuve contacto durante una investigación de iniciación científica. A través de la presentación de una revisión bibliográfica basada en las consideraciones de un gran número de exponentes, el artículo pretende indicar itinerarios metodológicos y fundamentos teóricos para las exploraciones mediadas digitalmente. En este sentido, entiendo que las recomendaciones presentadas en este texto no deben ser vistas como un manual compacto para la investigación en/de/sobre contextos digitales, correspondiendo a cada investigador considerar las indicaciones que se aplican adecuadamente a sus contextos singulares de investigación científica.

Palabras-clave: etnografía digital; medios digitales; sociología digital; antropología digital; metodología de la investigación.

INTRODUÇÃO

Uma interrogação que paira a história da Sociologia, ou mesmo das outras áreas das Ciências Sociais, gira entorno de engendrar uma epistemologia capaz de detectar as múltiplas e complexas facetas da vida social. Nestes campos científicos singulares, visualizamos que desde Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber até os tempos hodiernos se estabelece uma busca pelos modos mais apropriados de analisar e compreender o mundo social (QUINTANEIRO, BARBOSA, OLIVEIRA, 2002).

Tal objetivo se introduz constantemente mediante reflexões extensas e dispendiosas sobre as teorias e metodologias proporcionalmente mais habilitadas para exprimir as realidades sociais investigadas, ponderações essas que se constituem nos numerosos diálogos acadêmicos atuais, proporcionados por espaços suntuosos como os dos encontros anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), dos congressos da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) ou das reuniões promovidas pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA)².

De qualquer modo, apesar da existência de numerosas perspectivas teóricas e abordagens metodológicas, solidificam-se historicamente alguns consensos que exprimem premissas padronizadas e regulamentárias para as pesquisas executadas no interior das Ciências Sociais, como por exemplo, os parâmetros éticos que envolvem a promoção de seguridade e anonimato para os nossos colaboradores de pesquisa (FACIOLI, PADILHA, 2019). Em geral, algumas dessas unanimidades se manifestam em princípios rígidos que se estabelecem em um processo de alteridade em relação à outras enunciações científicas que seriam decodificadas como inautênticas pelas conformidades epistemológicas hegemônicas que permeiam os cientistas sociais.

² Disponíveis respectivamente em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/encontros-antiores>; <https://www.sbsociologia.com.br/congressos/historico/>; <http://www.portal.abant.org.br/apresentacao/>. Acessos em: 05 out. 2021.

No caso da realização de pesquisas etnográficas, plasma-se uma atmosfera intelectual e tradicional que presume como indispensável a confluência face a face entre colaborador de pesquisa e pesquisador para a solidificação de explorações etnográficas reputadas como legítimas, ou seja, a etnografia leal seria aquela em que o etnógrafo “esteve lá”, interagiu e conviveu presencialmente com os colaboradores de pesquisa, enquanto que aquelas rodeadas por mediadores digitais expressos tanto pela conectividade da internet, quanto pelos equipamentos eletrônicos se configurariam como menos fiéis à realidade social porque os fenômenos observados em âmbitos digitais seriam “virtuais”, logo, menos “reais” e importantes do que aqueles visualizados no mundo face a face (BAYM, 2010; HINE, 2000, 2015a; PARREIRAS, 2011).

No entanto, esse cenário intelectual se deparou com a pandemia da Covid-19 e os riscos envolvidos na efetuação de trabalhos de campo presenciais. Essa conjuntura implicou a seguinte indagação: como efetuar um trabalho de campo ao longo de uma pandemia que insere impasses para o nosso ofício científico presencial? Nesse sentido, os contextos digitais passaram a se conformar em uma das alternativas para a coleta de dados, para o acesso aos colaboradores de pesquisa, isto é, os âmbitos digitalmente mediados se revelaram como viáveis para empregar continuidade ao andamento de trabalhos que se iniciaram antes da pandemia ou mesmo para aqueles que se iniciaram ao decorrer da sua existência³.

Consequentemente, a realidade exposta suscita a indispensabilidade de recorrer à uma literatura especializada sobre a temática de estudos em contextos digitais para orientar esses percursos investigativos que passam a ter os domínios atravessados pelas tecnologias como campo de exploração.

É importante sinalizar que as pesquisas realizadas em contextos digitais não são fenômenos inéditos causados pela pandemia, pois esse gênero explorador se insere há algumas décadas no seio de uma extensa estrutura intelectual composta por áreas intituladas como Antropologia Digital e Sociologia Digital (LINS, PARREIRAS, FREITAS, 2020; MISKOLCI, BALIEIRO, 2018). Nesse seguimento, apesar de não ser viável estipular um manual insólito e compacto para pesquisas circundadas pela conexão da internet e permeada

³ Ressalto que existe uma diferença entre efetuar uma etnografia em contextos digitais e utilizar esses últimos apenas para ter acesso aos colaboradores de pesquisa ou realizar entrevistas com eles. Desta forma, as mídias digitais podem ser usadas como ferramentas para auxiliar pesquisas das mais diversas, o que não indica automaticamente que manuseio desses mecanismos denotem uma pesquisa etnográfica sobre/em/dos contextos digitais.

pelas tecnologias digitais, existem algumas táticas que podem ser enquadradas em trabalhos que possuam a interface digital como meio de investigação.

Sendo assim, este artigo apresenta algumas abordagens metodológicas adotadas em uma pesquisa de iniciação científica realizada em contextos digitais e tem como objetivo indicar potenciais itinerários para investigações digitalmente mediadas. As orientações e indicações manifestas neste trabalho se baseiam em um complexo arcabouço teórico e metodológico construído por expoentes de diversas áreas do conhecimento que efetuam explorações que têm como campo relações sociais permeadas pela conexão da internet e por uma ampla arquitetura digital.

DISTANTE DA DICOTOMIA “REAL” E “VIRTUAL”: POR UMA ABORDAGEM QUE ARTICULE O DIGITAL E O HUMANO

Regularmente, as pesquisas realizadas em contextos digitais se configuram por um campo de disputas que se constituiu e se estabelece por meio de várias áreas e abordagens convergentes ou não entre si. Nessa conjuntura, visualiza-se diversas nomenclaturas, perspectivas metodológicas e óticas teóricas para se refletir sobre os meios digitais, assim como modelos de ponderar sobre estratégias etnográficas de exploração, o que denota que esse campo de pesquisa não é homogêneo em relação aos métodos empregados e às abordagens teóricas manuseadas pelos pesquisadores (FERRAZ, ALVES, 2017; POLIVANOV, 2013).

Ao longo dos anos 1990 e início dos anos 2000, período esse configurado pela expansão da internet comercial para o uso civil, algumas pesquisas realizadas em contextos digitais se designaram por concepções que concebiam a possibilidade empírica e analítica de constatar uma separação precisa entre os fenômenos sociais enredados por ambientes “virtuais” e aqueles que ocorriam na realidade material da sociedade, ou seja, essa abordagem compreendia que o que se dava no “ciberespaço” não possuía correlações contínuas com o mundo “real” (MILLER, SLATER, 2004).

Esses trabalhos projetavam os contextos digitais como “espaços virtuais” autônomos e autocontidos em relação aos ambientes considerados como “reais”⁴. Nessa perspectiva, as circunstâncias digitalmente mediadas seriam supostamente palcos de sociabilidades menos autênticas e/ou desconectadas das ocorrências do “mundo real”, como se domínios online e

⁴ Os termos “real”, “virtual” e “espaço” são propositalmente grafados entre aspas para demonstrar os vocábulos utilizados por essas pesquisas embrionárias. Sinalizo que o adjetivo “virtual” alude a algo existente apenas em potência e sem efeito real.

offline não estabelecessem penetrações de efeitos entre si, ou como se nos contextos digitais fosse possível constituir um outro “eu” transcendente ao corpo físico e distinto à personalidade “real” (BAYM; 2010; ESCOBAR, 2016; MILLER et al., 2019).

Christine Hine (2000) em seu livro “*Virtual Ethnography*” se inseria nesse debate manuseando o termo “virtual” e empregando concepções de uma etnografia do “ciberespaço”. Nessa época, muitos pesquisadores como Daniel Miller e Don Slater (2004) já empreendiam críticas a esses termos, denunciando que tais vocábulos remetiam a uma visão imprecisa sobre a internet que concebe a independência dos contextos digitais em relação aos offline. Consequentemente, a pesquisadora foi comentada por Danah Boyd (2008), que ponderou que as noções de “virtualidade” não eram mais viáveis para interpretar o advento de novas tecnologias e que nós enquanto pesquisadores das interfaces digitais deveríamos evidenciar as correlações que existem entre os dois meios, e as relações de efeito que eles engendram entre si.

Ao realizar uma revisão sobre suas considerações longevas manifestas em “*Virtual Ethnography*” na obra “*Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday*”, Hine (2015a) optou por abandonar o termo “etnografia virtual”, entendendo que nenhuma etnografia pode ser exclusivamente “virtual”, considerando-se o caráter relacional entre os contextos não mediados pela internet e os contextos digitais, e se levando em conta a impossibilidade de estabelecer uma fronteira empírica e demarcada entre os dois.

Inclusive, Hine (2015b) compreende que qualquer adjetivação que venha depois da palavra “etnografia” pode perversamente remeter a uma divisão entre um suposto “real” e o conectado. Tal percepção circunda igualmente as ponderações de outros pesquisadores como Miller et al., (2019) que assinalam que não é viável idealizarmos uma fragmentação entre contextos offline e contextos digitais, dado que os dois engendram uma reciprocidade de produção e reprodução de efeitos entre si e devem ser investigados um em relação ao outro.

Por esse ângulo, existe uma gama relevante de pesquisas que destacam as relações entre os contextos digitais e os offline, apresentando as continuidades que esses âmbitos estabelecem entre si, tendo como exemplo, o manuseio de mídias digitais para induzir efeitos na vida offline⁵ (BARBOSA, 2021a; MISKOLCI, 2017; PADILHA, 2019; PELÚCIO, 2019). Esses trabalhos nos condicionam a compreender que a internet pode ser analisada como um

⁵ Tais observações não indicam que contemporaneamente não visualizemos alguns trabalhos envoltos por posições teóricas e metodológicas que inferem uma separação acurada entre os contextos digitais e os domínios não mediados por aparatos tecnológicos, ou mesmo algumas pesquisas que ainda mobilizam, por exemplo, o termo “virtual”.

meio cultural em que subjetividades e grupos estabelecem formas singulares de comunicação e expressão, pois os contextos digitais se caracterizam como modelos contemporâneos de formação e reprodução de identidades e saberes (HINE, 2015a; PADILHA, FACIOLI, 2018).

Enquanto um fenômeno cultural, podemos visualizar que as mídias digitais se designam por contextos de produção de cultura que passaram a ser inseridos fortemente em nosso cotidiano. Hine (2015a, 2015b) evidencia que nos introduzimos em uma realidade contemporânea em que diversos dispositivos tecnológicos estão massivamente incorporados, corporificados e inseridos em nossos cotidianos, isto é, as tecnologias digitais e suas múltiplas instrumentalidades se fixam em numerosos campos da nossa vida social, produzindo impactos nos modos como agimos, sentimos e inteligivelmente concebemos o mundo a nossa volta. Desta forma, podemos constatar que os contextos digitais interpelam efeitos nas configurações sociais e vice-versa, tornando-se cenários legítimos de pesquisa social.

ETNOGRAFIAS EM CONTEXTOS DIGITAIS: ORIENTAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DE EXPLORAÇÃO

É preciso destacar que este artigo não objetiva fornecer um manual robusto para pesquisas digitalmente mediadas, pois cada exploração possui suas singularidades, cabendo a cada pesquisador avaliar as orientações gerais que se aplicariam proporcionalmente às suas questões e campo de pesquisa.

Nesse sentido, realço que é necessário um trabalho intelectual e reflexivo sobre as indicações que convergentemente seriam frutíferas para explorações individuais, não sendo as recomendações desenvolvidas a seguir regulamentos e verdades absolutas sobre pesquisas em contextos digitais que deveriam ser seguidas rigorosamente por todas as pessoas que possuem esse campo de investigação singular. Desta forma, apresento ao decorrer deste tópico algumas diretrizes gerais que podem ser aplicadas por aqueles que têm como interesse a efetuação de pesquisas em meios permeados por tecnologias digitais. Essas instruções se baseiam em um vasto aparato bibliográfico especializado de pesquisadoras e pesquisadores que estão há décadas ponderando e produzindo teorias e metodologias para pesquisas em/dos/sobre contextos digitais.

Inicialmente, é necessário efetuar pesquisas exploratórias para visualizar se os contextos digitais são ferramentas relevantes para os seus colaboradores de pesquisa e para o fenômeno social que se deseja estudar, isto é, torna-se indispensável ponderar se as mídias digitais são importantes e se fazem sentido dentro da vida cotidiana do grupo de pessoas e da

configuração social que almeja analisar. Não é porque contemporaneamente as tecnologias digitais sejam expressivamente manuseadas cotidianamente (HINE, 2015a), que elas impliquem um fator significativo na vida de pessoas específicas ou que elas estabeleçam automaticamente um problema sociológico ou antropológico. Sendo assim, é prudente separar um tempo para explorar o grupo ou fenômeno social que queira estudar nos contextos digitais, visualizando se essas mídias são centrais para as pessoas que farão parte da pesquisa.

Uma boa revisão bibliográfica sobre o tema de pesquisa se solidifica como importante para constatar se os contextos digitais são importantes para o fenômeno ou grupo social estudado. No início da realização da minha pesquisa de Iniciação Científica, o conhecimento apropriado de uma bibliografia científica sobre o respectivo campo de investigação me levou a compreender, ainda de modo preliminar, que as mídias digitais eram relevantes na vida das colaboradoras que fariam parte da minha pesquisa (BARBOSA, 2021a).

De antemão, é igualmente fundamental considerar que os fenômenos observados em contextos digitais não são configurações sociais inéditas ou conformações exclusivas que somente surgiram mediante o advento das mídias digitais. A título de exemplo, Juliana do Prado (2015) expõe como que as buscas por apoio emocional e por conteúdos de autoajuda em redes sociais no Brasil também aconteciam pelo intermédio de mídias analógicas antes mesmo do advento da internet. De modo similar, Sarah Rossetti Machado (2017) apresenta como que a procura por parceiros sexuais na comunidade BDSM⁶ brasileira ou o acesso às informações acerca das práticas fetichistas desse meio já ocorriam mesmo anteriormente à expansão da internet comercial para o uso civil, plasmando-se em mídias impressas, como em livros eróticos e em classificados em revistas pornográficas. Portanto, devemos ter cautela ao qualificar os fenômenos sociais que estudamos nos contextos digitais como inusuais, como se eles não se configurassem por conjunturas que já ocorriam de algum modo em outros domínios offline da vida social.

Ademais, é imprescindível nos munirmos da compreensão que essas plataformas não são um universo à parte em relação a outros domínios da vida social não equipados pela conexão da internet (HORST, MILLER, 2012), e que, portanto, elas são repletas de moralidades e componentes culturais expressos em discursos e práticas de poder (MILLER et al., 2019). Nesse sentido, ao realizarmos uma etnografia em contextos digitais não se exclui o

⁶ A sigla BDSM significa respectivamente, *Bondage* (restrição dos sentidos e dos movimentos), *Disciplina e Dominação*, *Submissão e Sadismo* e *Masochismo* e comporta um conjunto de práticas eróticas e consensuais realizadas entre duas ou mais pessoas.

fato de nos orientarmos com seriedade através das premissas éticas existentes tradicionalmente nas pesquisas face a face (HINE, 2015a; FACIOLI, PADILHA, 2019).

Os mesmos princípios éticos assentados na intenção de proporcionar segurança sobre as colaboradoras de pesquisa devem se estender para as etnografias realizadas nos contextos digitais, de modo que ponderemos sobre os riscos que podem se engendrar ao divulgarmos as informações pessoais dos indivíduos que participarão da nossa pesquisa. Durante minha exploração etnográfica em *blogs* de Dominação Feminina, refleti sobre o quanto a temática da pesquisa é rodeada por moralidades e compreensões deletérias sobre as praticantes de BDSM e seus estilos de vida⁷ (BARBOSA, 2021a).

Baseando-se no documento *Internet Research: Ethical Guidelines 3.0*. (2020) produzido pela *Association of Internet Researchers*⁸ e visando evitar constrangimentos e processos discriminatórios às participantes da pesquisa, foi necessário utilizar nomes fictícios para a apresentação delas, assim como adaptar textualmente os relatos e textos publicados em seus *blogspot*s e editar as ilustrações postadas em suas redes, pois tanto as descrições textuais postadas, quanto as imagens poderiam ser encontradas por pessoas más intencionadas por intermédio de mecanismos de busca online, como o da empresa *Google* (BARBOSA, 2021a).

Desta forma, recomenda-se que as etnografias digitalmente mediadas se orientem mediante critérios éticos que igualmente se plasmam em pesquisas que se dão para além dos contextos digitais, visando proteger os informantes de pesquisa de qualquer constrangimento e repressão, pois: “O fato de um interlocutor concordar em colaborar com pesquisadores não significa que estejam dispostos a ter enfrentamentos morais e sofrerem execrações públicas.” (LEITÃO, GOMES, 2017, p. 49).

Nesse seguimento, uma tarefa árdua para aqueles que estão elaborando seus projetos de investigação científica, é formular questões de pesquisa apropriadas ao campo singular em que se efetuará a exploração. Algumas possibilidades de pesquisa nos contextos digitais são apresentadas por William Dutton (2013) que estabelece eixos de investigação na internet apresentados no quadro abaixo⁹:

⁷ A comunidade BDSM se caracteriza nacionalmente e internacionalmente por meio de um conglomerado diverso de tipos de práticas eróticas e suas respectivas posições performáticas de gênero e sexualidade que se expressam em categorias particulares, como por exemplo, a Dominação Feminina. Para a compreensão de especificidades desse gênero de práticas eróticas, consultar Bruno Henrique Benichio Alves Barbosa (2021a).

⁸ Disponível em: <<https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2021.

⁹ As recomendações expostas no Quadro 1 não indicam que o pesquisador deva integralmente levar em conta todas as questões apresentadas por Dutton (2013) para a construção, por exemplo, de um projeto de pesquisa. Refletindo-se sobre as disponibilidades de tempo que possuímos para a realização de uma investigação

Quadro 1 – Múltiplos focos de investigação nos usos sobre internet

| Múltiplos focos de investigação nos usos sobre internet | | | |
|---|--|--|--|
| | Tecnologia | Uso contextual | Política |
| Quem? | Quem modela a internet (design) e sua implementação? | Quem utiliza e quem não utiliza a internet e de que forma? | Quem molda as leis relevantes para a internet? |
| Por que? | Quais metas e objetivos estão guiando as escolhas de design e desenvolvimento? | Por que as pessoas, grupos, comunidades e regiões usam (ou não usam) a internet de uma forma particular e em um contexto específico? | Quais são as metas e objetivos que moldam as escolhas legais que regem a internet? |
| Com quais implicações para quem | Quais são os projetos para o controlar o viés das pesquisas sobre o impacto das mídias na vida social? | Quais objetivos diferentes, grupos políticos, econômicos ou sociais esses padrões de uso apoiam? | Como se desenvolve a ecologia da lei e da política que orienta a concepção, formação e utilização da internet? |

Fonte: Dutton (2013, p. 3), traduzido por: Felipe André Padilha e Lara Roberta Rodrigues Facioli (2018, p. 314).

Sobre o foco “Tecnologia” ou “Política”, podemos refletir sobre quem são os grupos e empresas que formam, constroem e regulam as diversas plataformas digitais presentes no universo da internet. Nessa lógica, é viável nos indagarmos quais são as finalidades que conduzem esses produtores a criarem tecnologias e suas regulamentações, o que comumente envolve anseios econômicos, científicos, políticos e culturais.

Sendo assim, é necessário considerar que as tecnologias não são artefatos neutros e destituídos de interesses sociais, mas sim, são fenômenos modelados socialmente e consequentemente permeados por inquietações das mais diversas (MACKENZIE, WAJCMAN, 1999). Ponderando-se sobre uma “Rede sociotécnica da ciência” nos termos de Bruno Latour (2000), é indispensável considerarmos que existe uma complexa gama de atores sociais que estão por detrás da produção de dispositivos e utensílios tecnológicos, esses que por sua vez empregam objetivos singulares sobre a construção, comercialização e usos desses artefatos¹⁰.

Nesse eixo de análise, podemos refletir sobre o quanto as plataformas digitais que transitamos são expressivamente configuradas pelo intermédio de algoritmos preditivos que economicamente orientados permeiam nossas experiências digitais e induzem os nossos usos de modos específicos, o que igualmente enrijece um capitalismo de vigilância guiado por políticas neoliberais (SCHRADIE, 2017; SILVEIRA, 2017). De modo semelhante, é possível

científica, julgo como aprazível focar em apenas um dos eixos, o que não indica consequentemente que os outros focos não sejam brevemente ponderados e abordados durante a pesquisa.

¹⁰A título de exemplo, o desenvolvimento da internet e a produção de novas tecnologias computacionais se deram durante o século XX mediante uma rede sociotécnica constituída por grandes centros de pesquisa científica, indústrias, investimentos estatais, movimentos sociais e pelos interesses bélicos-militares em um contexto de segunda guerra mundial e posteriormente de guerra fria (LOVELUCK, 2018).

discutir sobre o quanto as arquiteturas digitais são saturadas de algoritmos que operam mediante as categorias de diferença expressas em classe, gênero, sexualidade, raça, dentre outros (NOBLE, 2018), ou mesmo argumentar sobre a uberização do trabalho e como os trabalhadores de aplicativos se assentam em contextos digitalizados em que se acentua o controle, a desigualdade, a alienação e a exploração do trabalho (ABÍLIO, 2017; FIGUEIREDO, 2019; SCHOLZ, 2016).

Tendo como base de foco analítico, o “Uso contextual”, é útil analisarmos quem são as pessoas que estão manuseando os contextos digitais que estudamos. Nesse seguimento, torna-se imprescindível mapear esses indivíduos mediante uma perspectiva interseccional das diferenças manifestas em classe social, gênero, sexualidade, raça, dentre outras (BRAH, 2006; DAVIS, 2016), esmiuçando as especificidades dos grupos sociais que estão utilizando as mídias digitais.

No interior desse eixo de análise, torna-se importante ponderar sobre as maneiras que esses indivíduos ou grupos específicos estão mobilizando esses âmbitos, pormenorizando as formas eles usam essas tecnologias, ou seja, que tipo de conteúdo eles publicam e quais são as singularidades desses materiais. Além disso, é relevante vislumbrarmos quais são os objetivos empregues no manuseio das mídias digitais, isto é, quais são as motivações que rondam o uso dessas tecnologias (PADILHA, FACIOLI, 2018).

Miller et al. (2019) sinalizam que é fundamental que compreendamos as maneiras que diferentes grupos sociais oriundos de regiões geográficas singulares constituem usos específicos e objetivos particulares sobre o uso das mídias digitais, pois não é prudente assinalarmos uma utilização universal e homogênea desses meios, uma vez que o georreferenciamento pode produzir maneiras e objetivos particulares de utilizar os contextos digitais. Por exemplo, Padilha (2019) e Richard Miskolci (2017) explicitam a existência de manuseios típicos em aplicativos para relacionamentos homoafetivos de acordo com as diferenças expressas em classe, gênero, sexualidade e raça e igualmente conforme as localizações, os contextos nacionais, sociais, culturais e políticos que os colaboradores de suas pesquisas se inserem.

Nessa lógica, convém refletirmos, por exemplo, sobre as especificidades qualitativas das cidades e regiões que os grupos sociais que estudamos estão inseridos, assim como ponderarmos sobre a presença de ambientações culturais que rondam essas localidades e os nossos colaboradores de pesquisa, contextos esses que por consequência, podem induzir performances digitais de maneiras específicas.

Em minha pesquisa de Iniciação Científica sobre uma categoria de práticas eróticas do BDSM realizada por mulheres, considere a presença de contextos morais expressos em discursos de poder sobre o corpo e os prazeres e as delimitações urbanas interioranas que circundavam as colaboradoras de pesquisa, e que conseqüentemente, levavam elas a utilizarem seus *blogspots* de formas particulares e também a estipularem objetivos singulares sobre a criação de publicações para esses *blogs* (BARBOSA, 2021b).

Deste modo, “[...] se limitar à pesquisa on-line não necessariamente implica que contextos mais amplos se tornem invisíveis ao pesquisador.” (MILLER, SLATER, 2004, p. 44). Isso indica que ao realizarmos uma etnografia em contextos digitais, não estamos executando uma exploração exclusivamente digital, pois os próprios usos dessas tecnologias conectadas indicam a presença de contextos offline específicos, que segundo Hine (2015a) e Miller e Slater (2004) não devem ser olvidadas pela análise dos pesquisadores, pois esses outros domínios da vida social estabelecem conexões de continuidade com os usos das tecnologias digitais. Outras diretrizes que podem orientar etnografias em contextos digitais se manifestam em seis princípios expostos por Miller e Horst (2015) no emblemático artigo “O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital”, os quais apresento a seguir.

O primeiro princípio se configura por uma definição do digital enquanto um elemento dialético, compreendendo que nós enquanto pesquisadores não devemos nos deter de uma abordagem determinista sobre os efeitos da internet, ou seja, não é viável assumirmos uma posição de monstrualizar o digital e seus impactos, nem de nos posicionarmos em relação aos seus efeitos, somente visualizando elementos genuínos, como se a internet e as tecnologias digitais fossem unicamente ferramentas benéficas e libertárias para toda a sociedade.

Portanto, de modo similar às proposições elaboradas por Donald MacKenzie e Judy Wajcman (1999) sobre a modelagem social da tecnologia, Miller e Horst (2015) evidenciam que o digital não é intrinsecamente conservador, nem inteiramente transgressor e revolucionário, possuindo conseqüentemente um esqueleto permeado por dimensões dialéticas. Isso implica compreender que as tecnologias não são boas ou más em si mesmas, mas sim, configuradas de acordo com os seus usos sociais e delineamentos históricos, políticos e culturais. De modo conclusivo, Miller e Horst (2015) destacam que o papel do etnógrafo é estudar as contradições as quais o digital se insere, observando simultaneamente seus impactos nefastos e positivos.

A segunda premissa nomeada como “Cultura e o princípio da falsa autenticidade” aponta para a legitimidade dos contextos digitais enquanto âmbitos de estudos etnográficos,

ainda que partes da comunidade científica os considerem como uma falsa realidade, como um universo “virtual” ou um mundo à parte e autocontido (MILLER, HORST, 2015). Sendo assim, Miller e Horst (2015) comentam que essa oposição entre o verdadeiro mundo “real” e o universo “virtual” é imprecisa, assinalando que o que se visualiza nos contextos digitais não são ocorrências menos reais, dado que: “Em antropologia não há algo como humanos puros e não mediados; interação face a face é tão inflexionada quanto uma comunicação mediada digitalmente, [...]” (MILLER, HORST, 2015. p. 97).

Como descrito anteriormente, ao efetuar uma etnografia em *blogspots* de Dominação Feminina, constatei a presença de contextos offline que permeiam as colaboradoras da pesquisa, domínios esses configurados por moralidades e localidades urbanas que preterem sexualidades não convencionais, o que induz o uso das mídias digitais para a busca de parceiros e para textualizar-se, e assim, auferir emoções expressas em felicidade e tesão (BARBOSA, 2021a, 2021b).

O percurso etnográfico de se refletir sobre os meios offline que circundam o grupo ou fenômeno social que observamos se conecta com a premissa três de Miller e Horst (2015), que destacam a necessidade de nós pesquisadores adotarmos um holismo etnográfico ao longo dos nossos estudos etnográficos em contextos digitais. Isso quer dizer que é preciso que reflitamos tanto sobre os fenômenos presentes no nosso campo conectado, quanto sobre os componentes não mediados pela conexão da internet que permeiam o nosso tema e participantes de pesquisa.

Em suma, compreende-se que ao estudarmos os contextos digitais estamos igualmente atentos para aspectos mais amplos de nossas sociedades que podem circundar os nossos colaboradores de pesquisa, como os delineamentos urbanos e regionais e/ou as relações de poder sobre os quais eles se inserem (MILLER et al., 2019). Inclusive, tais componentes podem explicar o porquê que os nossos participantes de pesquisa utilizam as mídias digitais de modos específicos e os objetivos que eles possuem ao empregá-las em suas vidas.

No quarto princípio, os autores discursam sobre a relevância do relativismo cultural para se compreender os contextos digitais, afirmando que não é possível generalizarmos e constatarmos uma universalidade sobre os modos que as pessoas utilizam as mídias digitais, apesar da presença de alguns padrões de uso. Sendo assim, devemos nos esforçar para investigar o digital e seus manuseios específicos em relação aos contextos locais e grupais dos fenômenos sociais que estamos estudando, tendo em vista que, os significados empregados

sobre a internet e os modos de usar as mídias digitais não são os mesmos para toda a sociedade (MILLER, HORST, 2015).

As amplas pesquisas realizadas por Miller et al. (2019) em diferentes localidades geográficas explicitam como que os usos das mídias digitais se dão de modos distintos de acordo com os países, regiões, cidades, grupos e pessoas específicas. Tal conjuntura nos indica que não existe uma homogeneidade no manuseio das mídias digitais e nos demonstra que tanto as pessoas, quanta as próprias plataformas circunscritas em localizações específicas vão induzir usos singulares das interfaces da internet¹¹.

Sobre o princípio “A ambivalência e o princípio de abertura e fechamento”, Miller e Horst (2015) apresentam componentes similares à premissa da dialética. Nessa lógica, os autores indicam que a internet pode promover ambientes de liberdade ao mesmo tempo que induz ferramentas de controle e vigilância, uma vez que:

“[...] a tecnologia digital é dialética e intrinsecamente contraditória; frequentemente, o que advogamos como implicações boas ou ruins são consequências inseparáveis dos mesmos desenvolvimentos, [...]” (HORST, MILLER, 2015, p. 105).

De fato, como observei em minha pesquisa, os contextos digitais podem produzir benefícios singulares para as praticantes de BDSM, promovendo meios em que essas mulheres engendram inflexões nas normas de gênero e sexualidade ao promoverem uma positivação e ressignificação dos seus estilos de vida através de textos e relatos sobre suas performances eróticas (BARBOSA, 2021a). Entretanto, da mesma maneira que essas tecnologias viabilizam circunstâncias favoráveis para minhas colaboradoras de pesquisa, não podemos esquecer que esses mesmos artefatos decompõem nossas possibilidades de engrandecimento democrático, igualitário e libertário ao estabelecerem correlações com as políticas e os princípios de realidade neoliberais (SCHRADIE, 2017).

A Internet, constantemente, promete novas formas de abertura, que são quase imediatamente seguidas por chamados para novas restrições e controles, expressando nossa mais geral ambivalência em relação à experiência de liberdade (HORST, MILLER, 2015, p. 103).

Na sexta e última certificação, os pesquisadores finalizam o artigo apresentando o princípio “A normatividade e o princípio da materialidade”. Nessa consideração, os autores

¹¹ Os marcos legais de cada país e região sobre a internet e os protocolos de uso de cada plataforma são objetos interessantes que podem compor a análise do etnógrafo. Nesse contexto, torna-se possível discutir sobre em que intensidade a arquitetura digital de determinadas plataformas pode compelir os usos das pessoas de maneiras específicas. Por esse ângulo, o pesquisador igualmente deve ter cautela em não se posicionar em um debate determinista apresentado e criticado por Baym (2010) que se assenta na ideia de que as tecnologias dominam as pessoas e que essas últimas não possuem algum nível de agência e negociação nas experimentações que possuem ao utilizá-las.

chamam nossa atenção para considerar que os contextos digitais também podem ser circundados por parâmetros normativos que se expressam no mundo material. Logo, podemos constatar que as tecnologias estão intrinsecamente ligadas aos componentes culturais e regulamentários de nossa sociedade (MILLER, HORST, 2015). Sendo assim, é nessa conjuntura que se insere o papel crítico e analítico das investigações científicas, ou seja, é nesse sentido que nós pesquisadores devemos analisar as ambiguidades presentes sobre as múltiplas interfaces digitais, contradições essas que abarcam simultaneamente normatividades e transgressões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Superficialmente, poderíamos dizer que a pandemia da Covid-19 que assola o mundo desde o ano de 2020 engendrou um cenário inoportuno para a condução de pesquisas nas Ciências Sociais. Do mesmo modo e se fundamentando nas considerações apresentadas durante este artigo, visualizamos que os contextos digitais e as dinâmicas circunscritas nos seus interiores podem se configurar em temáticas oportunas instigantes de pesquisa, pois os fenômenos observados nesses domínios e as abordagens e estratégias metodológicas que podemos nos munir para investiga-los se configuram em alternativas brilhantes para aqueles que tiveram que adaptar suas investigações dado as impossibilidades e riscos presentes na confluência presencial entre pesquisador e colaborador de pesquisa.

Nessa perspectiva, é substancial que consideremos os contextos e as tecnologias digitais como fenômenos humanos que possuem implicações sociais, e que logo, são passíveis e legítimas de serem investigados pelos cientistas sociais. Durante essa tarefa analítica, as abordagens apresentadas explicitam que existem vários questionamentos que os pesquisadores podem se equipar para a elaboração das suas perguntas de pesquisa e diversas interpretações que podem se orientar para a condução de suas explorações.

Longe de exhibir abordagens exclusivamente inéditas no campo das Ciências Sociais e distante de apresentar perspectivas que deveriam ser encaradas como verdades e recomendações inquestionáveis, este artigo buscou apresentar algumas estratégias metodológicas e possibilidades de investigação para aqueles que possuem os contextos digitais como horizontes de exploração. Sendo assim, concerne a cada pesquisador avaliar as diretrizes expostas que poderiam auxiliar na coordenação dos seus trabalhos.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Uberização do trabalho**: subsunção real da viração. Passa Palavra, 19 fev. 2017. Disponível em: <<https://passapalavra.info/2017/02/110685>>. Acesso em: 08 out. 2021.

BARBOSA, Bruno Henrique Benichio Alves. A resignificação das possibilidades de si: corpo, sexo e desejo em blogspots de Dominação Feminina. In: Anais Humanidades Digitais 001-2021, 2021, Jaguarão. **Anais Eletrônicos...** Jaguarão: EDICON - Editora do Instituto Conexão Sociocultural, 2021a. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1e2eEGr4b-lnyAIRf5CTvgg8kXqaGsTkf/view?_se=YnJ1bm9oYmFiQGVzdHVkYW50ZS51ZnNjYXluYnl%3D>. Acesso em 06 out. 2021.

BARBOSA, Bruno Henrique Benichio Alves. O BDSM para além da metrópole: notas para pensar corpo, sexualidade e desejo em práticas eróticas no interior do Brasil. In: Caderno de Resumos da VII Reunião de Antropologia de Mato Grosso do Sul, 2021, Campo Grande. **Anais Eletrônicos...** Campo Grande: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2021b. Disponível em: <https://antropologiams.ufms.br/files/2021/08/VIII_RAMCADERNO-DE-RESUMOS_2021-1.pdf>. Acesso em 12 out. 2021.

BAYM, Nancy. **Personal connections in the digital age**. Cambridge: Polity Press, 2010.

BOYD, Danah. A response to Christine Hine. **danah's blog**, 30 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.danah.org/papers/EthnoBoundaries.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2021.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade e diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUTTON, William. Internet Studies: the foundations of a transformative field. In: DUTTON, William. (Ed.). **The Oxford Handbook of Internet Studies**. Londres: Oxford University Press, 2013. Disponível em: <<https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199589074.001.0001/oxfordhb-9780199589074-e-1>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

ESCOBAR, Arturo. Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura. In: SEGATA, Jean.; RIFIOTIS, Theophilos. (Org.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações, 2016.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues; PADILHA, Felipe André. Ética e pesquisa em Ciências Sociais: reflexões sobre um campo conectado. **Mediações**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 228-258, jan./abr. 2019.

FERRAZ, Cláudia Pereira.; ALVES, André Porto. Da etnografia virtual à etnografia online: Deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital. In: 41º Encontro Anual da ANPOCS: SPG10 - Diários de campo digitais: relatos de pesquisa na/da Internet, 2017, Caxambu. **Anais Eletrônicos...** Caxambu: 41º Encontro Anual da ANPOCS, 2017. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/spg-4/spg10-4/10962-da>>

enografia-virtual-a-etnografia-online-deslocamentos-dos-estudos-qualitativos-em-rede-digital/file>. Acesso em 08 out. 2021.

FIGUEIREDO, Carlos. Algoritmos, subsunção do trabalho, vigilância e controle: novas estratégias de precarização do trabalho e colonização do mundo da vida. **Revista Eptic**, v. 21, n. 1, p. 156-172, jan./abr. 2019.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet: Embedded, Embodied and Everyday**. Londres: Bloomsbury Academic Publishing, 2015a.

HINE, Christine. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. Entrevista concedida a Bruno Campanella. **MATRIZES**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 167-173, jul./dez. 2015b.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Londres: Sage Publications, 2000.

HORST, Heather A.; MILLER, Daniel. **Digital anthropology**. Londres: Berg, 2012.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LEITÃO, Débora Krischke.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 42, p. 41-65, 1. sem. 2017.

LINS, Beatriz Accioly.; PARREIRAS, Carolina.; FREITAS, Eliane Tânia de. Estratégias para pensar o digital. **Cadernos de Campo** (São Paulo, online), v. 29, n. 2, p. 1-10, 2020.

LOVELUCK, Benjamin. **Redes, liberdades e controle: uma genealogia política da internet**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MACHADO, Sarah Rossetti. **De transtornos, tormentos e delícias: atores, redes e disputas de sentidos em torno do sadomasoquismo no Brasil (1980-2014)**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2017.

MACKENZIE, Donald.; WAJCMAN, Judy. **Introductory essay: the social shaping of technology**. Londres: Open University Press, 1999.

MILLER, Daniel.; et al. **Como o mundo mudou as mídias sociais**. Londres: UCL Press, 2019.

MILLER, Daniel.; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

MISKOLCI, Richard.; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, jan./abr. 2018.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. São Paulo: Editora Autêntica, 2017.

NOBLE, Safiya. **Algorithms of oppression**. Nova York: New York University Press, 2018.

PADILHA, Felipe André. **Entre macacos velhos e queerpiras**: uma etnografia por entre as interfaces dos serviços comerciais de busca por parceiros online no interior paulista. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2019.

PADILHA, Felipe André.; FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. Sociologia Digital: apontamentos teórico-metodológicos para uma analítica das mídias digitais. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 54, n. 3, p. 305-316, set./dez. 2018.

PARREIRAS, Carolina. “Não leve o virtual tão a sério?” – uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no on-line. In: FERIANI, Daniela Moreno.; CUNHA, Flávia Melo da.; DULLEY, Iracema. (Org.). **Etnografia, etnografias**: ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011.

PELÚCIO, Larissa. **Amor em tempos de aplicativos**: masculinidades heterossexuais e a nova economia do desejo. São Paulo: Annablume, 2019.

PRADO, Juliana do. **Dos consultórios sentimentais à rede**: apoio emocional pelas mídias digitais. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2015.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, ano 2, n. 3, p. 61-71, jul./dez. 2013.

QUINTANEIRO, Tania.; BARBOSA, Maria Ligia de.; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um toque de clássicos**: Marx, Durkheim e Weber. (2ª ed.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SCHOLZ, Trebor. **Cooperativismo de plataforma**: contestando a economia do compartilhamento corporativa. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

SCHRADIE, Jen. Ideologia do Vale do Silício e desigualdade de classe: um imposto virtual em relação à política digital. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, p. 85-99, jun. 2017.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. Governo dos algoritmos. **Revista de Políticas Públicas**, v. 21, n. 1, p. 283-302, 2017.